

## INTELECTUAIS ORGÂNICOS E INTELECTUAIS TRADICIONAIS PARA UMA SOCIOLOGIA PÚBLICA<sup>1</sup>

*Daniel BIN\**

Pierre Bourdieu é, nas palavras de Michael Burawoy, o maior sociólogo (público) da última metade de século. Talvez suas contribuições sociológicas e políticas pudessem ter sido ainda maiores tivesse ele debatido abertamente com alguns de seus pares que militaram sob uma tradição teórica que, ocupada com a prática, é fundamentalmente pública: o marxismo. Como Bourdieu não era muito dado a fazê-lo – se o fizesse, assinala Burawoy, significaria reconhecer e legitimar contribuições de seus antagonistas –, restou tentar imaginar como poderiam ter sido alguns desses debates. É com esse espírito que Burawoy desenvolve encontros hipotéticos dele próprio e de seus marxistas favoritos – além de Karl Marx, Antonio Gramsci, Frantz Fanon, Simone de Beauvoir – com Bourdieu. Um último encontro é com Wright Mills, com quem Bourdieu teria profundas semelhanças, a ponto de Burawoy (2010, p.159) referir-se a ele com “o Bourdieu estadunidense”. Por meio desses encontros, Burawoy se propõe a revelar facetas marxistas de um Bourdieu que insistia em manter-se distante do marxismo mas que, não obstante, desenvolveu um trabalho que é “tanto uma revisão como um complemento às obras de Marx” (BURAWOY, 2010, p.16).

No primeiro encontro, são destacadas importantes semelhanças entre o pensamento de Bourdieu e os primeiros trabalhos de Marx e Engels, aproximando as análises destes sobre o idealismo às daquele acerca da falsa distinção entre teoria e prática. As acusações que Marx e Engels desferiram contra os filósofos que debatiam suas ideias sem confrontá-las com a realidade seriam ecoadas por Bourdieu em sua denúncia de um campo acadêmico que, com suas “ilusões escolásticas”

---

<sup>1</sup> Resenha da obra: BURAWOY, M. **O marxismo encontra Bourdieu**. Campinas: Unicamp, 2010. 184 p.

\* UnB – Universidade de Brasília – Departamento de Administração. Brasília – DF – Brasil. 70910-900 – daniel.bin@uwalumni.com

(BURAWOY, 2010, p.33), reproduzia a divisão entre o trabalho intelectual e o trabalho manual. Essa mesma divisão já fora denunciada por Marx e Engels, que, assim como Bourdieu, eram atentos à existência de ideias dominantes dentro da classe dominante.

Outra semelhança decorre da apropriação que Bourdieu fez da teoria marxista do capitalismo como modelo para a sua análise da produção cultural. No entanto, aqui ele também se afastou do marxismo ao suprimir a categoria exploração, esta tão central na análise marxista do capitalismo. Para Bourdieu, os capitais – econômico ou simbólico – que são acumulados pelos agentes em suas lutas são relações entre possuidores e, como tais, não são relações de exploração, mas de competição pelo lucro – econômico ou simbólico – dentro do respectivo campo. Bourdieu, com isso, descuidou do modo como os capitais se originam para, tomando-os como dados, ocupar-se dos modos como são apropriados. Enfim, para ele, os capitais eram relações antes entre capitalistas do que relações entre trabalhadores e capitalistas.

Outra divergência com o marxismo reside na visão que tinha Bourdieu acerca da relação entre a sociologia e as suas audiências. Ainda que reconhecesse a importância e aderisse à prática de produzir com vistas a públicos mais amplos – extra-acadêmicos –, desconfiava que a sociologia, com isso, corria o risco de comprometer sua autonomia. Discordando desse posicionamento, Burawoy lembra que o campo acadêmico também é atravessado por contradições e, nesse sentido, oferece alguns dos argumentos marxianos contra Bourdieu, a saber: (i) que existem distinções na produção e na distribuição do capital científico-acadêmico, bem como disputas por reconhecimento entre pares acadêmicos concorrentes, tudo isso influenciado pelas distinções entre departamentos – líderes ou periféricos – de origem e de destino desses intelectuais; (ii) que há uma distribuição desigual desse mesmo capital, e que isso é base das relações de exploração no interior do campo acadêmico; (iii) que existe não apenas o campo *científico*, restrito aos departamentos líderes, onde se realizam as sociologias profissional e para políticas públicas, mas também um campo *disciplinar*, formado por departamentos periféricos, nos quais se realizam também as sociologias pública e crítica; e (iv) que essas diferenciações engendram lutas de classes, lutas entre dominantes e dominados pela valorização de suas categorias sociológicas, no caso, entre uma “aristocracia do talento e do mérito” (BURAWOY, 2010, p.42) contra as sociologias pública e crítica e suas ameaças à afirmação da sociologia como ciência.

O segundo encontro é com Gramsci, com quem Bourdieu teria importantes paralelos bem como sérias divergências. No primeiro caso, ambos repudiaram o determinismo histórico marxiano e deram importância menor à economia, concentrando-se em seus efeitos: a superestrutura capitalista para um, os campos de dominação simbólica para o outro. Quanto às diferenças, um destaque é a

continuidade marxista e o engajamento ao projeto socialista de Gramsci em comparação ao distanciamento de Bourdieu em relação ao marxismo num contexto de agenda política pós-socialista.

Outra divergência diz respeito à forma de produção do conhecimento verdadeiro, que para Bourdieu dar-se-ia pela competição dentro dos cânones da ciência e da academia, ao passo que para Gramsci, por meio das experiências das classes em suas relações de produção. Destas últimas é que surgiria o intelectual orgânico, vez que na academia os intelectuais dificilmente seriam mais do que tradicionais, ou seja, reprodutores da dominação. Esse desacordo assentava-se em visões também distintas sobre a dominação, que para Bourdieu era inconsciente – dominação simbólica – e para Gramsci, consentida – hegemonia – por parte dos dominados.

As divergências em torno do intelectual orgânico, sugere Burawoy, estavam mais no plano teórico e menos no da prática política. Se por um lado Bourdieu temia as ameaças extra-acadêmicas à autonomia do campo científico – para Gramsci essa é uma postura típica do intelectual tradicional –, por outro, preocupava-se em desvelar para o grande público a dominação, ainda que o fizesse com uma linguagem pouco acessível. Eis aqui a contradição de um Bourdieu que aspirava ser um intelectual orgânico ao mesmo tempo que considerava essa categoria mitológica e insuportável.

A prática política, que Bourdieu viria a exercer perto do fim da vida, movendo-se da escolástica acadêmica para o combate aberto ao neoliberalismo, teve sentido inverso para Gramsci, iniciando-se pela militância política para acabar na escolástica no cárcere. Outra distinção detectada por Burawoy é que a prática comunista de Gramsci padecia de uma sólida formulação teórica, ao passo que a teoria de Bourdieu, ainda que tardiamente, serviu de modo importante à sua prática política. Com isso, Burawoy conclui que ambas as modalidades de intelectual, o tradicional e o orgânico, podem ser encontradas em uma mesma pessoa.

O terceiro encontro é com o próprio Burawoy, que ali pretende transcender o que considera fraquezas de Bourdieu, quando este fornece poucas evidências empíricas relacionadas à profundidade da dominação simbólica, e de Gramsci, cujo conceito de hegemonia é insuficiente para explicar a durabilidade da dominação capitalista. Resgatando estudo seu sobre o exercício da hegemonia dentro da fábrica capitalista<sup>2</sup>, Burawoy procura preencher a lacuna que sentiu existir na teoria de Bourdieu quando este ignorou a categoria marxista exploração.

Bourdieu diria que a verdade objetiva do trabalho, assentada na apropriação do trabalho alheio, não é percebida como tal porque, diferente do feudalismo, em que

---

<sup>2</sup> BURAWOY, Michael. *Manufacturing consent: changes in the labor process under monopoly capitalism*. Chicago; London: University of Chicago, 1979.

a exploração era transparente, no capitalismo foi obscurecida, tornando invisível a linha divisória entre o trabalho necessário e o trabalho excedente. Daí a discordância de Bourdieu em relação a Gramsci acerca da capacidade da classe trabalhadora perceber, em sua atividade subjetiva, a verdade objetiva da exploração capitalista. Burawoy se associa à Bourdieu nessa discordância, mas, diferente deste, que via tal incapacidade decorrer do *desconhecimento* gerado por um *habitus* individual profundo, entende que ela provem da *mistificação* derivada da superestrutura fabril, que atua sobre todas as pessoas sem distinguir suas disposições herdadas.

Ainda nessa linha, Burawoy argumenta contra teoria de Bourdieu acerca da dominação simbólica com desconhecimento, observando que tal teoria indicaria uma submissão à dominação mais provável de ser observada nos países do socialismo real do que nos países capitalistas. Seguindo a teoria de Bourdieu, isso ocorreria porque, nos países socialistas, o partido e seus aparelhos concorreriam para a criação desse *habitus* dominado. No entanto, foi justamente o regime socialista que engendrou, ao invés de consentimento, discordâncias e lutas contra-hegemônicas de trabalhadores ante ao despotismo da produção. Aquele regime produtivo mostrou-se então uma forma de hegemonia frágil e sob constante ameaça da transparência da exploração. Os resultados dessas transformações são conhecidos, sendo a *perestroika* na União Soviética o seu ápice.

O quarto encontro reúne o intelectual tradicional Bourdieu com o intelectual orgânico Frantz Fanon, cuja ação política o primeiro explicitamente reprovava. Seria o encontro do intelectual dos “dados”, da “reflexão” e do “juízo” com o da “especulação”, da “irresponsabilidade” e da “megalomania” (BURAWOY, 2010, p.123). Burawoy, contudo, consegue encontrar pontos de contato importantes entre os dois, para, ao final, apontar profundos dissensos entre os pensamentos de Bourdieu e de Fanon. A primeira convergência está em suas trajetórias pessoais, que, iniciadas com experiências próprias de marginalização na França, conduziram-nos a estudos sobre a colonização daquele país sobre a Argélia. E é nesses estudos que Burawoy vê semelhanças nas abordagens acerca das estruturas do colonialismo, da guerra anticolonial e da queda do regime. Para Bourdieu e para Fanon, o colonialismo era um sistema de segregação e de dominação fundada na violência, a qual, aliás, ambos consideravam ser uma condição para a abolição daquele regime. Ambos reconheciam os efeitos catárticos da violência, sendo isso um exemplo da importância que davam à psicologia como necessária à pesquisa sociológica.

Tanto a Fanon como a Bourdieu poder-se-ia atribuir doses de utopismo. O primeiro acreditava que as alternativas ao colonialismo levadas a cabo ou pela burguesia ou pela libertação nacional conduziriam, respectivamente, à ditadura ou à democracia participativa. Bourdieu imaginava como resultados pós-coloniais possíveis o caos ou alguma forma de socialismo.

Diante de tantas coincidências, a animosidade de Bourdieu em relação a Fanon intriga Burawoy, que se pergunta se isso seria fruto da reprovação sobre o engajamento ou sobre o quadro teórico de Fanon. Se fosse sobre o primeiro, ela passaria pela consideração de que, para Bourdieu, o intelectual engajado e politicamente comprometido deveria se manter distante de todas as classes, sob pena de impor seus interesses sobre ou ser cooptado por aqueles que imaginava representar. Aqui a diferença fundamental entre Bourdieu e Fanon: enquanto este depositava no intelectual orgânico confiança em sua capacidade mobilizadora e organizadora das forças revolucionárias do campesinato, aquele acreditava que os intelectuais enganavam a si e a seus pretensos representados devido ao abismo que haveria entre seus respectivos *habitus*.

Se a reprovação de Bourdieu sobre Fanon derivava do quadro teórico deste, estaria associada ao fato de o primeiro analisar o colonialismo e a libertação com os olhos voltados para o passado, vendo uma disputa entre o moderno e o tradicional, ao passo que Fanon via o colonialismo e a libertação olhando para um futuro cujas alternativas eram o capitalismo ou o socialismo. Enquanto Fanon partiu da análise da reprodução da dominação em direção a um projeto de transformação social, Bourdieu tomou o caminho inverso, chegando ao ceticismo sobre as possibilidades dessa transformação depois de ter estudado as manifestações revolucionárias da classe trabalhadora e das lutas anticoloniais.

O quinto encontro também não seria amistoso, tendo como antagonista de Bourdieu Simone de Beauvoir, que, assim como Gramsci e Fanon, ou ainda Sartre e Foucault, nunca mereceu um reconhecimento significativo da parte de Bourdieu. Para ele, Beauvoir era a típica vítima da dominação simbólica – ele se referia à relação dela com Sartre. Curiosamente, o silenciamento de Beauvoir na teoria da dominação masculina foi uma forma de violência simbólica da parte de Bourdieu.

Burawoy é bastante ácido com Bourdieu ao apontar que este, além de ignorar as contribuições de Beauvoir ao feminismo, também ignorou antecipações importantes à obra do próprio Bourdieu que ela fizera. Para Burawoy, “*A dominação masculina* constitui uma pálida reprise das ideias já contidas em *O segundo sexo*” (BURAWOY, 2010, p.134). O primeiro argumento de Burawoy nesse sentido refere-se à inversão entre causa e efeito que Bourdieu notou nas presunções sobre as diferenças naturais criarem a hierarquia entre homens e mulheres. Isso já fora notado por Beauvoir ao defender que “o corpo”, “a vida sexual”, a divisão sexual do trabalho estavam ligadas a tal hierarquia, que, no entanto, tinha determinantes tanto biológicos e psicanalíticos como histórico-materiais.

A contribuição que Bourdieu reivindicava como sua de enfatizar as esferas fora do âmbito doméstico – Igreja, escola, Estado – na reprodução da dominação

masculina já estava em Beauvoir, porém com maior intensidade. Mais, ela já havia alertado que a submissão tenderia a persistir quando a mulher fosse do confinamento doméstico ao mercado de trabalho, este dominado por homens, que, no entanto, eram oprimidos pela sua própria opressão. Isso tudo não impediu Beauvoir de vislumbrar possibilidades de emancipação feminina, algo raramente visto em Bourdieu, que, assim como nas comparações com Gramsci e Fanon, aparece mais ocupado com a reprodução do que com a transformação. Além disso, categorias como socialização e *habitus* foram tomadas por Bourdieu como dadas, sem a mesma atenção que Beauvoir dera às ambiguidades, contradições e resistências presentes nos processos de disciplinamento da mulher.

Quando finalmente Bourdieu apontou para a possibilidade de superação da dominação masculina, o fez de modo similar ao que fora elaborado por Beauvoir, que, no entanto, diferentemente de Bourdieu, o fez de forma central e mais elaborada em suas reflexões.

Beauvoir, assim como Bourdieu, só tardiamente se engajou na luta política. Isso era coerente com uma posição que ambos comungavam acerca da objetividade científica ser garantida por certa autonomia do campo intelectual. Depois de manter-se afastada do feminismo – Beauvoir entendia que a igualdade socialista era condição para a libertação das mulheres –, ao perceber que a emancipação feminina não era uma bandeira da esquerda, ela colocou seu prestígio intelectual em prol da causa. Esse movimento de Beauvoir é mais um que serve à justificação para Burawoy defender a importância tanto do intelectual orgânico como do intelectual tradicional. Mesmo sendo uma intelectual pertencente a esta segunda categoria, Beauvoir deu voz e visibilidade ao movimento e, assim, colaborou para o surgimento de intelectuais feministas orgânicas.

Depois de encontros mais tensos – com Fanon e com Beauvoir – e outros nem tanto – com Marx, Gramsci e com Burawoy –, o último é com Wright Mills, com quem Bourdieu teria grandes semelhanças e com quem dividiu projetos públicos e sociológicos comuns. Ambos eram reflexivos em relação aos campos em que atuavam, opondo-se às sociologias dominantes, bem como em relação aos campos com os quais compartilhavam ideias. Evidência disso é o distanciamento que mantiveram em relação ao projeto político marxista.

Em suas pesquisas, os dois aproximaram-se em termos de abordagens sobre as classes sociais e sobre a dominação. As principais pesquisas de Wright Mills versaram sobre a elite econômico-político-militar, a nova classe média aburguesada e a classe trabalhadora, frações essas também estudadas por Bourdieu em *A distinção*. A principal diferença é que enquanto Wright Mills enfatizou as concentrações de riqueza e de poder por parte das elites, Bourdieu as tomou como dadas, ocupando-

se da dominação de tipo simbólico como forma de imposição de vontades sobre a sociedade. A principal convergência é que ambos perceberam a instabilidade da classe média em suas tentativas de manter seu posicionamento social. Outra é que os dois não tinham muito a dizer sobre a classe trabalhadora, concordando, no entanto, que os seus representantes tenderiam a ingressar no campo do poder e ali ser cooptados, transformando-se em controladores dos ao invés de controlados pelos seus representados.

As influências weberianas – questões da dominação, teoria da história e indefinição de qualquer utopia futura – não os impediram de ser sociólogos públicos, ainda que entendessem como restrita à academia e ao intelectual isolados a capacidade de produzir conhecimento verdadeiro. Em Wright Mills, esse traço apareceu na figura do “intelectual independente” (BURAWOY, 2010, p.167), que olharia mais para fora – esfera pública – do que para dentro da academia, sem, contudo, ceder a aspirações de dominação, fossem elas próprias ou daqueles aos quais ele se dirigia. Essa também era a posição de Bourdieu, que condenava tanto os seus colegas com aspirações de dominação – “o chamado ‘intelectual total’” – quanto “o conselheiro do príncipe, os tecnocratas, os especialistas, os consultores do Estado-nação, todos servos do poder” (BURAWOY, 2010, p.169).

Por outro lado, na busca por consolidar a sua ciência contra o senso comum, Bourdieu necessitava da aprovação do campo acadêmico, o que fez sua linguagem inacessível às audiências mais amplas. Seu contato com esse público deu-se nas ruas, prática estranha a Wright Mills, que, por sua vez, escrevia de forma acessível e evitava os jargões da ciência, o que lhe rendeu descrédito por parte de seus pares. Já perto do fim da vida, ambos moveram-se da sociologia para prática política sob o entendimento que o papel do intelectual era dar à luz a revolução. Tornaram-se, com isso, sociólogos ainda mais públicos no sentido que Burawoy dá ao termo.

Em boa hora chegam esses debates imaginados e promovidos dentre os esforços para ampliar o caráter público da sociologia. Eles chamam a atenção para a importância da análise marxista na sociologia no sentido de fortalecer o seu papel de crítica social engajada nas lutas de uma sociedade sob constante ataque do Estado e dos mercados. É com esse espírito que Burawoy, em todos esses encontros imaginados, insere a figura do intelectual, tanto o orgânico como o tradicional, reforçando a importância e a necessidade de ambos para os propósitos da sociologia pública. Por conta da vasta e influente obra crítica e por ter sido tanto um intelectual tradicional – ciência e autonomia – como um intelectual orgânico – política e engajamento –, “Bourdieu foi”, conclui Burawoy (2010, p.20), “o maior sociólogo público do nosso tempo”.

